

MICROSCÓPIO

RAUL PILLA.

Depois da Colômbia, o Panamá. E assim se vai indefinidamente desenvolvendo a longa série de revoluções e golpes de Estado, que caracterizam o presidencialismo na América Latina.

Simplemente indecoroso é o caso da Colômbia. Sabendo que o seu partido seria derrotado nas próximas eleições, o presidente conservador dissolve o Congresso, anula o Supremo Tribunal, suprime as garantias constitucionais e, assim preparado o ambiente, convoca eleições. É a velha técnica do caudilhismo: sancionar mediante simulacros eleitorais os piores despotismos. De modo que a oposição liberal irá necessariamente à revolução, se tiver recursos para tanto. Se os não tiver, acabará sendo sufocada pela ditadura e um dos poucos países ibero-americanos, que tinham uma apreciável cultura política, verse-á nivelado aos demais.

Mais triste, se possível, é o caso do Panamá. Ali foi simplesmente a policia quem depôs o presidente constitucional. Dir-se-á ter sido a policia quem se arrogou a função de incarnar a soberania nacional, por não haver ali outra força armada, senão esta. Mas aqui está, justamente, a maior significação do fato. Demonstra elle não ser simplesmente a existência da força militar o que determinou o caudilhismo militar, porque, se assim fôsse, não se poderia este manifestar onde não houvesse exército: é o sistema politico, que, com o seu péssimo funcionamento, solicita, quase inevitavelmente, a intervenção da força armada, qualquer que seja na vida politica da nação: onde não há verdadeiro exército, a policia lhe faz as vèzes.

Demais, todo regime de força acaba sempre na policia. A própria ditadura militar não pode deixar de ser uma ditadura policial. A policia cabe sempre a última palavra até nos sistemas aparentemente constitucionais, isto é, nos que, embora conservando as formas legais, não dispõem do apoio da opinião pública